

## TRABALHO NOS CANAVIAIS OS JOVENS ENTRE A ENXADA E O FACÃO

JOSÉ ROBERTO PEREIRA NOVAES

**RESUMO** *A expansão e a modernização da agroindústria canavieira no Brasil ampliou o mercado de trabalho e as migrações, diferenciou e precarizou o trabalho, modificou o perfil dos trabalhadores. As usinas alteraram os critérios de seleção, gestão e controle da mão de obra. Os trabalhadores jovens e migrantes passaram a ser preferidos para o trabalho no corte da cana das modernas usinas paulistas. A força física passou a ser um critério relevante na seleção dos trabalhadores por assegurar melhores índices de produtividade. Nesse cenário os jovens migram de suas regiões, trocam a enxada pelo facão, a liberdade pelo cativo nos canaviais. Até quando o uso do facão e da enxada cercearão o manuseio da caneta e dos livros para esses jovens, trabalhadores, migrantes?*

**PALAVRAS-CHAVE** *Agroindústria canavieira; trabalho; migração, juventude.*

**ABSTRACT** *The expansion and modernization of the sugarcane industry in Brazil has made the work different and precarious, modifying the profile of the workers at harvest. With the use of technology, the companies changed their criteria to hire workers, giving priority to the young and migrant ones for work during harvest time. In such a scenario, thousands of young people from country northeast change the hoe for the machete and migrate looking for survival in the sugarcane plantations of modern crops in São Paulo. The cut mechanization increases the demand for more productivity in the manual cutting. The intensification of this work rhythm puts these young people at the limit of their physical capacity. Precarious labor is a source of worry. For how long the use of the hoe will reproduce this condition: workers, young people, labor, and migrants?*

**KEY WORDS** *Sugarcane industry, labor, migration, youth.*

### INTRODUÇÃO

Este texto é parte da pesquisa realizada no âmbito do projeto Juventude e Integração Sul- Americana, realizado por meio de uma parceria entre Ibase/Polis/IDRC. Focaliza particularmente

um segmento de jovens que se desloca do Nordeste, anualmente, para o trabalho na lavoura canavieira das modernas usinas de São Paulo. Quem são esses jovens? A maioria deles são originários de famílias pobres que mantêm vínculos precários com a terra devido à baixa valorização dos produtos da roça, à redução da produtividade da terra em função do desmatamento e à própria valorização da terra em função dos novos investimentos em pecuária, soja e cana de açúcar em certas regiões nordestinas. A ruptura ou o reordenamento da relação dessas famílias camponesas com a terra traz imediatas consequências para esses jovens, como a necessidade da migração em busca de trabalho.

Assim, o trabalho no canavial nas usinas de São Paulo, Goiás, Mato Grosso, ou as empreitadas para derrubada da mata e formação de pastagem na Amazônia tornam-se possibilidades de trabalho, de sobrevivência pessoal e familiar.

Os jovens que migram para os canaviais permanecem na terra de origem na entressafra da cana, entre os meses de dezembro e abril. No Nordeste esta é a época das chuvas e do trabalho nos roçados, onde esses jovens foram socializados na luta pela sobrevivência, tornando-se especialistas no manuseio da enxada. Seus corpos foram talhados para o trabalho árduo. Agora, ainda jovens, já não têm mais nos produtos da roça a garantia da sobrevivência da família. A possibilidade de trabalho na região, sem a terra, é praticamente inexistente. Só lhes resta, nessas circunstâncias, buscar trabalho em outras regiões e ou em outras atividades. Assim, migram por necessidade, partem como uma revoada de andorinhas (SILVA, 1999).

Nessa partida, a troca da enxada pelo facão, a troca da liberdade pelo cativo nos canaviais das modernas usinas paulistas. O lápis e a escola não fazem parte do universo desses jovens, o futuro depende da sobrevivência aqui e agora. Costa (2006), repentista nordestino, assim se expressou sobre essa juventude errante:

Muitos deixam suas terras  
Pensando em vida melhor  
Mas na podada da cana  
Derrama muito suor  
Ficar na cana é ruim,  
Voltar pra terra é pior.

Na partida, a separação da família, a saudade. Os sentimentos de perda afloram nos semblantes das mães, das irmãs, das mulheres e dos filhos que ficam. É preciso partir para assegurar a sobrevivência e a preservação da família que fica. A ruptura para preservar a união traz sentimentos contraditórios, mas fazem parte de um mesmo universo. A ida significa o provimento e, como já foi dito, a preservação da família que fica. Com a partida dos jovens, as cidades se esvaziam, nelas ficam as mulheres, as crianças, os velhos aposentados. Essa ausência se prolonga de maio a dezembro, período da safra da cana e de trabalho nos canaviais.

O segundo ato dessa realidade se desenvolve nas periferias das cidades-dormitórios do interior de São Paulo, com a chegada desses jovens trabalhadores, sedentos para o trabalho a qualquer custo e preço. Na época da safra da cana, os alojamentos ficam apinhados de gente nordestina: maranhenses, piauienses, baianos, mineiros, paraibanos. No interior de São Paulo se alastram os costumes e a cultura nordestina, convivendo com a modernidade trazida pelos homens de negócio que transformaram a região numa Califórnia brasileira. Nesse cenário, os encontros e reencontros pautam as relações cotidianas desses jovens que ali constroem as comunidades de migrantes, seja nas cidades dormitórios ou na periferia das grandes cidades da zona canvieira de São Paulo.

Esses trabalhadores são submetidos às rígidas disciplinas de trabalho estabelecidas pelas usinas para atingir as metas de produção nos canaviais. Submetidos às novas formas de gestão e organização do trabalho, esses jovens se subordinam à lógica da

eficiência e da produtividade. São superexplorados na produção. Precisam cortar, no mínimo, 10 toneladas de cana/dia, para manterem-se empregados. Na safra de 2008 pagou-se pela tonelada da cana cortada em torno de R\$ 3,00. Esse preço permite uma diária de R\$ 30,00, cortando 10 toneladas de cana por dia. Com esse ganho, os trabalhadores não conseguem cumprir seus compromissos (alojamento, passagens, alimentação, luz, água, remédios), enviar dinheiro para os que ficaram e realizar seus sonhos de consumo. Daí a necessidade de intensificar o ritmo de trabalho: cortar entre 15 e 20 toneladas de cana/dia, ser um campeão de produtividade.

Nosso objetivo neste texto é contextualizar o trabalho desses jovens no âmbito da produção canavieira, conhecer suas percepções e seus sonhos, apreender e compreender suas demandas. Para tanto, dividiremos este artigo nas seguintes partes:

- 1) jovens, migrantes e canavieiros: contexto, características e demandas;
- 2) a situação-tipo escolhida: antecedentes e justificativas;
- 3) percepções, vivências e demandas entre jovens canavieiros.

### **JOVENS, MIGRANTES E CANAVIEIROS: CONTEXTO, CARACTERÍSTICAS E DEMANDAS**

As migrações internas no Brasil do século XXI se fazem entre cenas de riqueza e de miséria. Continuidades e modificações nos movimentos populacionais do Nordeste para o Sul do país podem ser entendidas por meio de uma conjugação de fatores históricos e conjunturais; ou seja, é preciso relacionar as migrações com as mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorrem nas regiões de uma determinada formação social, impulsionadas pelas mudanças nos padrões de acumulação do capital.

Até a década de 1950, a cana de açúcar no Brasil se concentrava no Nordeste. A expansão dessa produção se intensificou na

década de 1950 no estado de São Paulo. A perda da hegemonia da região Nordeste na produção de açúcar para São Paulo é decorrência de vários fatores, dentre os quais destacamos: a expansão do mercado interno, a valorização do produto no mercado internacional, o redirecionamento dos investimentos da cafeicultura para a implantação de usinas açucareiras e a aquisição de terra para o plantio da cana.

No início da década de 1960, houve uma nova expansão das atividades do setor com as medidas restritivas impostas pelos Estados Unidos à produção cubana, após a revolução de 1959. Com essas medidas a agroindústria canavieira passou por um novo ciclo expansionista propiciado pela possibilidade de entrada no mercado preferencial americano.

Na década de 1970, a agroindústria canavieira entrou num processo de reestruturação produtiva impulsionada pela necessidade de expansão da indústria, dentre elas a indústria de insumos e equipamentos agrícolas. Esse processo modificou o padrão tecnológico da agricultura e impulsionou o processo de concentração e centralização da produção na agroindústria canavieira. O Estado jogou um papel fundamental nesse processo através de estímulos financeiros disponibilizados pelos programas de Racionalização e Apoio da Agroindústria Açucareira (1971/1972), Planalsucar e do Programa Nacional do Alcool (1975).

Num primeiro momento a mudança na base técnica da produção se concentrou na parte industrial dessa agroindústria. Na lavoura canavieira as mudanças foram mais lentas. Elas dependiam dos resultados das pesquisas genéticas com as variedades de cana, cujos resultados são mais lentos devido à maior interferência de fenômenos naturais. Porém o descompasso entre as atividades industriais e agrícolas dessa agroindústria não comprometeu o aumento da produção do setor. O maior suprimento da cana para as usinas passou a ser derivado da ampliação da área plantada.

Investimentos industrial e agrícola na agroindústria canavieira  
(unidade: Cr\$ milhões)

Atividades	Norte/Nordeste	Centro/Sul	Brasil
Indústria	4.811 92,8%	5.286 90,4%	10.097 91,5%
Agricultura	372 7,1%	561 9,5%	933 8,4%
Total	5.183 100%	5.847 100%	11.033 100%

Fonte: Relatório Anual do IAA/MIC, 1977.

A partir da década de 1980, as transformações tecnológicas também se voltam para a lavoura da cana, com a introdução de novas variedades, novas formas de manejo, mecanização e novas formas de gestão e organização do trabalho agrícola. Nesse processo, o território de muitas usinas deixou de ser o espaço exclusivo para a produção dos derivados da cana. Novas atividades econômicas floresceram no território das usinas: reflorestamento, fruticultura, piscicultura, pecuária etc. As novas tecnologias implicavam critérios mais seletivos de áreas para o plantio da cana e os ganhos de produção pelo aumento da produtividade. Esse processo foi acompanhado pela diversificação dos produtos derivados da cana, além do açúcar, produzia-se álcool hidratado e anidro, ração, energia, adubo e outros tipos de açúcares para a indústria alimentícia.

Essa nova racionalidade na produção foi conduzida pelos filhos e netos das tradicionais oligarquias açucareiras e pelos empresários que investiram na compra de usinas e terras em busca de bons negócios.

Assim, com esse novo patamar tecnológico, as usinas se multiplicaram e a produção canavieira estendeu-se para outras regiões do país, saindo de suas áreas tradicionais, localizadas na Zona da Mata nordestina, para Campos (RJ), São Paulo e algumas regiões do Estado.

Nos anos 2000, novas mudanças ocorreram na estrutura produtiva desse setor, na parte industrial e agrícola, gerando um novo ciclo expansionista induzido pelos investimentos dos bancos oficiais e pelos investimentos diretos de grandes grupos internacionais. Na realidade, as empresas abriram seus capitais, muitos dos quais aplicações dos fundos de pensões, atraindo grandes investidores internacionais.

Os números divulgados na grande imprensa evidenciam esse crescimento:

Nos próximos 5 anos (até 2010) serão implantadas 90 novas usinas no Brasil, incorporando uma área plantada de cana de 2,7 milhões de hectares aos 6 milhões de hectares já ocupados pela lavoura no país. Com esta incorporação a produção deverá saltar das 425 milhões de toneladas projetadas para a safra 2006/07 para 550 milhões de toneladas em 2010. Durante este período a capacidade de produção será ampliada em São Paulo com a construção de 39 novas usinas e modernização das unidades já existentes (Folha de São Paulo, 19/2/2006).

A Conab também divulgou estimativa recorde de produção de cana de açúcar e de álcool no país.

Mesmo com a crescente onda retórica contra os biocombustíveis, os produtores devem colher a maior safra da história com uma variação entre o piso de 608 milhões de toneladas e o teto de 631,5 milhões de toneladas. O desempenho pode ser de 9% a 13% superior às 558,5 milhões de toneladas colhidas no ciclo anterior. A Conab aponta os fatores para o forte avanço: investimentos em tecnologia nas usinas, variedades mais produtivas e clima favorável. A expansão da produção deve-se também ao aumento da área plantada, que deve saltar de 7 milhões para 7,8 milhões (*Jornal Valor* 30/4/2008).

Esse crescimento ocorreu com novos arranjos produtivos e nova estrutura gerencial e administrativa das empresas

para assegurar maior eficiência e disciplina no trabalho. A produtividade cresceu, a exploração aumentou e o trabalho precarizou-se. O corte mecanizado entra em cena.

Nesses anos, a expansão da cana se fez por meio da coexistência de dois sistemas de corte: o manual e o mecanizado. A intensificação do corte mecanizado alterou a dinâmica do mercado de trabalho e modificou as formas de arregimentação dos trabalhadores. Para entender essas mudanças, é preciso compreender a lógica de implantação da mecanização do corte da cana.

Atualmente o sistema mecanizado varia entre 35% e 40% da área de cana colhida no estado de São Paulo. A escolha de um ou de outro sistema de corte depende da estratégia financeira, das restrições técnicas e das perspectivas futuras de mercado. A maior concentração do corte mecanizado localiza-se na região de Ribeirão Preto, onde a topografia do terreno favorece o emprego das colheitadeiras. De maneira geral, o crescimento da área plantada de cana no Estado<sup>1</sup> não alterou significativamente a relação entre o corte manual e mecânico: o corte manual continua predominando nas usinas paulistas. É bem verdade que o aumento da demanda por colheitadeiras cresceu nos últimos anos, porém o crescimento da área plantada de cana ampliou a demanda por trabalho no corte da cana e reduziu o impacto na relação entre corte manual e mecânico. Muitos estudos sinalizam para uma mecanização total do corte da cana no futuro e tratam o corte manual como resquício de um nicho de empresários “atrasados” que preservam relações arcaicas de produção. Contudo, há outros elementos em jogo, quando se aposta na incorporação do corte mecanizado de forma absoluta. Destacaremos aqui três deles:

- 1) a queima da cana: é importante lembrar que a proibição da queima da cana reduz a produtividade do corte manual, abrindo perspectiva para intensificar o corte mecânico. Acontece que os empresários não demonstram interesse em colo-

<sup>1</sup> Luís Baleotti atribui a expansão do sistema mecanizado de corte à falta de mão de obra e ao crescimento da atividade canavieira, que acelera a mecanização no Brasil. O autor afirma que em 2002 a Case IH, líder de mercado no fornecimento de colhedoras de cana, comercializou 35 máquinas no Brasil, recorde histórico de vendas na época. Até o início de maio desse ano, a empresa já havia faturado 70 equipamentos e previa negociar até dezembro outras 50 unidades. O mercado brasileiro absorveu 180 colhedoras de cana novas em 2006, contra as 130 máquinas comercializadas em 2008. Com as 90 novas usinas de açúcar e de álcool que serão instaladas até 2013 e com a ampliação das unidades já existentes, a área plantada com cana de açúcar passará dos 5 milhões de hectares para 9 milhões de hectares no mesmo período. Hoje, apenas 30% dos 5 milhões de hectares da área cultivada com cana no país são colhidos por máquinas. São Paulo, com 75% do total, lidera o ranking da mecanização (Máquinas invadem os canaviais, *Revista Alcoolbrás*, n. 102).



car em prática essa proibição. O Decreto Estadual n. 42.056, de 6/08/1997, previa a extinção da queima da cana em São Paulo para as áreas de corte mecanizado em 8 anos (2005) e 15 anos (2012) para as áreas de corte manual. No entanto, os usineiros pressionaram os deputados e estes flexionaram os prazos. Aprovaram a Lei n. 11.241, que ampliou o prazo para 2021 no sistema mecanizado e para 2031 no sistema manual. Mais recentemente um novo acordo foi elaborado entre o governo paulista e os usineiros, reduzindo esse prazo para 2014 e 2017. Até lá, novos ajustes e postergações certamente irão ocorrer, pois os usineiros não têm interesse em eliminar o corte manual, em face da qualidade desse tipo de corte e do baixo custo da mão de obra.

- 2) as restrições tecnológicas: mesmo com os avanços nos modelos de colheitadeiras, a topografia, a compactação do solo, as variedades, os altos investimentos e as crises internacionais dificultam o crescimento progressivo e linear do corte mecanizado. De fato, as colheitadeiras exigem certas condições técnicas e operacionais nem sempre disponíveis nos canaviais. Por outro lado, é preciso levar em consideração que o investimento numa colheitadeira gira em torno de R\$ 800 mil e seu custo operacional varia entre R\$ 1,5 milhão e R\$ 2 milhões. Apesar dos programas especiais do BNDES em estimular a venda de colheitadeiras, o empresariado não descarta facilmente as vantagens do corte manual.
- 3) em terceiro lugar, o aumento substancial da produtividade do trabalho e o baixo custo da mão de obra do corte manual são obstáculos para o crescimento do corte mecanizado.

Esses elementos resultam na convivência entre esses dois sistemas de cortes, manual e mecanizado, numa mesma unidade de produção, variando a relação entre os tipos de corte de acordo com a estratégia de cada empresa, contrariando a previsão da eliminação definitiva do corte manual<sup>2</sup>.

2 O estudo do perfil das usinas mostra também que a área de colheita manual no país hoje é de 75,7%. São Paulo, com o maior índice de mecanização do Brasil, abrange 67,2% de colheita manual. Na região Norte e Nordeste do país, 97,4% dos canaviais têm colheita manual. O baixo índice de mecanização reflete a topografia acidentada da região. A União das Indústrias da Cana de Açúcar (Unica) estabeleceu metas para o fim da queima da cana no estado de São Paulo. Segundo a entidade, 40% da área do estado é mecanizada. A expectativa é de que os novos projetos de usinas no país sejam 100% de colheita mecanizada (Fonte: *Jornal Valor*, 30/4/2008).

Na realidade, a combinação entre os dois sistemas de corte pressupõe um novo perfil de trabalhadores para o corte manual, pois as mudanças nas relações técnicas e sociais na produção ampliaram a segmentação no trabalho e modificaram a dinâmica das migrações sazonais.

No corte manual da cana (objeto de nossa reflexão), combina-se trabalhadores com contratos indeterminados e temporários de trabalho, migrantes temporários sazonais com trabalhadores que se estabelecem na região por maior tempo. A questão de gênero também se evidencia. Os empresários evitam a contratação de mulheres para o corte da cana, exceto quando pressionados pela direção de alguns sindicatos que exigem a cota de 10% de mulheres por turmas de trabalhadores. Outro elemento importante dessa segmentação diz respeito à idade dos trabalhadores. Os empresários preferem contratar trabalhadores jovens entre 18 anos e 29 anos: eles possuem mais força física e se tornam, portanto, mais produtivos.

Afinal, a convivência entre corte mecanizado e corte manual não apenas produz mudanças na organização do trabalho agrícola, resultando em maior diferenciação entre os trabalhadores, mas impõe uma redução nos postos de trabalho em virtude das novas formas de seleção, gestão, organização e controle do trabalho no corte manual.

Assim, a redução dos postos de trabalho nas últimas safras não deve ser atribuída exclusivamente à mecanização, mas também às novas formas de gestão e ao aumento da produtividade do trabalho no corte manual. Recorremos a um exemplo para elucidar essa questão: Uma usina contrata no início da safra 1.800 trabalhadores. No primeiro mês eliminam-se aqueles trabalhadores que produziram abaixo da média da turma. No segundo mês uma nova “poda” é programada para os menos produtivos. Assim, seleciona-se um grupo seletivo de 1.000 trabalhadores, que irão produzir o equivalente à turma inicialmente recrutada. Dessa forma, observa-se um fluxo de

retorno de trabalhadores para a terra natal, em plena safra da cana, ou mesmo para o trabalho em outras regiões do país. É nesse contexto de seletividade que se busca trabalhadores dotados de plena força física. Ou seja, os mais jovens e os mais produtivos (NONINO, 1994; BONETI, 1992).

Esse dinamismo alterou a dinâmica do mercado de trabalho, intensificando o fluxo migratório de trabalhadores para o interior de São Paulo. Esses trabalhadores migrantes chegaram em grande número e ocuparam as periferias das cidades interioranas, formando as comunidades de migrantes nos bairros periféricos ou nas cidades-dormitórios. Assim, baianos, mineiros, paranaenses, paraibanos, maranhenses e piauienses foram ganhando visibilidade social no interior do Estado mais rico do país, na conhecida Califórnia brasileira.

As idas e vindas desses trabalhadores migrantes são determinadas pelo calendário agrícola e pela complementaridade entre o trabalho na terra e na cana. Os meses de entressafra da cana, dezembro a maio, época de pouco trabalho nos canaviais, coincide com o período das chuvas no Nordeste e com o trabalho na terra, nos roçados. A partir do segundo semestre, as estações se invertem. No Nordeste inicia-se a época da seca e o trabalho na terra cessa devido à inviabilidade do cultivo, enquanto em São Paulo é período da safra da cana, onde aumenta a oferta de trabalho.

Muitos desses trabalhadores migrantes deixaram de ser sazonais, já não obedecem mais essa complementaridade do mercado de trabalho. Preferiram trocar de forma definitiva a enxada pelo facão, ao permanecerem por mais tempo no interior de São Paulo, para onde levaram mulheres e filhos ou constituíram novas famílias. Essas famílias, uma vez estabelecidas, passaram a ser referência, porto seguro para outros migrantes que chegam e partem anualmente.

Na década de 1980, construir uma nova vida como cortador de cana em São Paulo era um sonho difícil, porém não impossível.

Essa possibilidade advinha dos ganhos econômicos e das melhorias nas condições de trabalho conquistadas pelos trabalhadores na greve de Guariba (1984) e em outras mobilizações na década de 1980 (ALVES, 1992). Nos últimos anos, ficar em São Paulo era uma oportunidade para os bons trabalhadores, aqueles mais produtivos. Para estes, as usinas tinham interesse em modificar o contrato de trabalho de temporário para permanente, assegurando-lhes trabalho no período da entressafra da cana. Outros se aventuravam a ficar depois da safra e buscar meios de sobrevivência em outras atividades, seja no trabalho em outras lavouras ou mesmo no mercado informal. Diante desse cenário de mudanças na estrutura produtiva, a questão se volta para a seleção de um perfil de trabalhador altamente produtivo e capaz de desempenhar suas funções na perspectiva de conquistar as metas de produção traçadas pelas empresas

#### **A SITUAÇÃO-TIPO ESCOLHIDA: ANTECEDENTES E JUSTIFICATIVAS**

Com o crescimento e a modernização da agroindústria canavieira, as empresas passaram a contratar trabalhadores com perfis diferenciados para o exercício de funções diferenciadas na produção. Na intercessão dos diferentes critérios de seleção dos trabalhadores para o corte da cana, chegou-se à conclusão de que ser migrantes e jovens eram características diferenciadoras quando se almejava produtividade e disciplina no trabalho.

Em síntese, para o corte manual da cana, ser jovem e migrante tornaram-se dois atributos altamente valorizados pelos técnicos dos departamentos de recursos humanos das empresas. Explicando melhor: migrantes nordestinos morando na periferia das cidades da região, em alojamentos coletivos ou em casas e quartos alugados, e vivendo totalmente voltados para o trabalho são potencialmente mais produtivos. Ser trabalhador migrante significa estar sujeito ao controle do empregador para além do estrito tempo do trabalho.

Contudo, entre tais trabalhadores migrantes há um outro aspecto diferenciador: ser jovem também faz a diferença não apenas pela força física, mas pela disposição para o trabalho, pelo desejo de “ser alguém na vida”. Afinal, para esses jovens, filhos de agricultores nordestinos, o *trabalho* é o único caminho para a realização de projetos pessoais e familiares.

Esses jovens se veem e são vistos como “trabalhadores rurais”, e na região de origem são vistos como agricultores ou como filhos de agricultores, e, por outro lado, em terras de usina são identificados como empregados rurais, boias-frias ou cortadores de cana.

De maneira geral, podemos dizer que no Brasil, nos últimos anos, as demandas específicas dos jovens ligados à agricultura familiar têm sido incorporadas paulatinamente nas agendas das organizações sindicais, dos movimentos sociais (com destaque para o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST) e das políticas públicas das secretarias estaduais da Agricultura e do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA.

Quando se fala em trabalho de jovens no campo, fora da agricultura familiar, os exemplos mais recorrentes são situações caracterizadas como “trabalho infantil” e “trabalho escravo”, porém a situação dos jovens canavieiros começa a ganhar alguma visibilidade. Infelizmente, tal visibilidade está relacionada apenas a denúncias sobre condições de trabalho, dores, acidentes e até mesmo sobre mortes prematuras de jovens nos canaviais (SILVA, 2005).

Por outro lado, jovens trabalhadores assalariados da cana são quase invisíveis no debate sobre políticas públicas de juventude. Se os jovens rurais já se ressentem do lugar que seus problemas específicos ocupam na hierarquia das demandas juvenis, podemos dizer que a juventude dos trabalhadores assalariados da cana é recorrentemente ignorada.

## UMA JUVENTUDE EM DOIS TEMPOS

Historicamente, por suas relações de subordinação à grande propriedade e à monocultura, a pequena produção agrícola no Nordeste tem passado por ciclos de expansão e retração. De maneira geral, podemos dizer que o trabalho nos canaviais aparece como meio complementar de sobrevivência de famílias de pequenos produtores que cultivam terras próprias ou arrendadas (MENEZES, 2007; MORAES, 2007). Tal complementaridade se dá em diferentes níveis e está relacionada com diferentes momentos do ciclo de vida. Para certas famílias, o trabalho na cana pode representar um recurso para viabilizar ou para melhorar a qualidade do roçado ou para adquirir bens duráveis.

O segmento de juventude que estamos pesquisando é procedente de famílias pobres que vivem em determinadas áreas do Nordeste, onde as oportunidades de trabalho são escassas e os jovens são migrantes, ou seja, são trabalhadores que partem para outras regiões em busca de trabalho, para assegurar a sobrevivência da sua família na agricultura. Assim, o trabalho na safra da cana aparece como uma possibilidade concreta e as idas e vindas desses jovens recobrem essas duas realidades e lhes impõem condutas e comportamentos distintos, assim como papéis e obrigações diferenciados.

Começamos pelo tempo da enxada. No Nordeste esses jovens dificilmente conseguem completar o ensino fundamental e ingressar no ensino médio. A necessidade de sua inserção precoce no mundo do trabalho faz com que suas mãos fiquem circunscritas ao manuseio da enxada, secundarizando o lápis, a caneta e todo o material escolar. Suas famílias geralmente vivem do produto da terra, muitos são pequenos proprietários de terra, outros são arrendatários.

Há uma percepção generalizada de que nos últimos anos a produção da agricultura familiar piorou: o desmatamento deixou as terras menos férteis, as pragas e as doenças das roças aumentaram, a produção do roçado diminuiu, os programas

governamentais, ainda que tenham melhorado nesses últimos anos, continuam insuficientes e não chegam a reverter a precariedade da situação. Ou seja, não atingem questões estruturais que resultem numa ampliação do mercado de trabalho e na absorção dos jovens em atividades nas regiões onde vivem suas famílias.

Vale salientar também que nos últimos anos essas famílias pobres foram também prejudicadas pelos projetos de pecuária e lavoura de grande valor comercial, que reduzem os postos de trabalho para a população local e que resultam em aumento do preço e maior especulação da terra. Essas novas possibilidades reordenaram as relações de produção acarretando a expulsão de milhares de famílias do campo para as cidades da região. Na periferia das cidades, essas famílias passaram a sobreviver graças a trabalhos esporádicos de empreitadas, contando sobretudo com a rede de proteção social do governo federal (Programa Bolsa Família) e a aposentadoria dos idosos. Reportagens jornalísticas ora dão ênfase a uma possível “acomodação” entre os beneficiários (que deixariam de procurar emprego), ora denunciam falhas no cadastro único que deveria identificar as famílias necessitadas. Por ora, o que se pode afirmar é que esses benefícios passam a integrar os cálculos e as estratégias familiares que definem quando um membro da família deve/pode ou não viajar. Ou seja, essa presença do Estado é vivenciada como novidade e deve ser considerada nas reflexões sobre os deslocamentos no interior do Brasil atual.

Contudo, de maneira geral, podemos dizer que a atual situação combina uma diminuição da renda proveniente dessa agricultura no orçamento da família e um aumento da necessidade de suprimento – via mercado – através de compras nos supermercados e nas feiras. Assim, se é verdade que o produto do roçado e o trabalho na terra continuam sendo imprescindíveis, nas recentes circunstâncias os jovens têm lançado mão de múltiplas combinações entre ocupações de

diferentes tipos para se manter ou se estabelecer nos municípios. Mas também os pequenos ganhos monetários provenientes do trabalho na época da safra da cana em São Paulo contam muito para a sobrevivência nas épocas de entressafra na terra natal. Nesse cenário de precariedade e incertezas é que chegam as notícias de oferta de trabalho nas usinas de São Paulo.

A partir do mês de março os agenciadores de mão de obra começam a percorrer as periferias das cidades da região para o aliciamento desses jovens. Entre os jovens que decidem migrar muitas vezes existe a convicção de que, com esforço e empenho, podem tornar-se “campeões de produtividade” e assim ser (re) conhecidos pelos patrões e pela sociedade local. Por que não? Elementos culturais que fazem da força física um sinônimo de masculinidade não estão ausentes desses cálculos e funcionam, sobretudo, entre os mais jovens.

Alguns pais entrevistados dizem que não se sentem no direito de privar a ida dos filhos, pois não têm nada a lhes oferecer diante das promessas de trabalho com carteira assinada e cumprimento dos direitos trabalhistas. Os arregimentadores anunciam ainda vantagens adicionais para os bons trabalhadores: prêmios por produtividade, cesta básica, bons alojamentos, participação nos lucros da empresa, alimentação etc. Tal oferta se justifica por que nos dias de hoje, em um contexto de modernização da gestão da mão de obra e de ampliação do corte mecanizado, são trabalhadores temporários vindos do Nordeste que preenchem as necessidades do trabalho no corte manual da cana. Esse novo arranjo social – complementar e conflitivo – acarreta modificações na vida dos trabalhadores e de suas famílias. Isso tanto em alguns municípios do Nordeste brasileiro, quanto no próprio interior de São Paulo.

Do ponto de vista de quem migra, o trabalho no canavial apresenta-se como possibilidade de modificar uma situação de dificuldade de sobrevivência em determinados padrões sociais e culturais. O trabalho no eito da cana pode representar um complemento viabilizador da pequena produção agrícola ou uma



estratégia para viabilizar outras ocupações rurais ou urbanas. Ou seja, são diversas as situações vivenciadas pelos trabalhadores que se dispõem a viajar para os canaviais paulistas. Mas há um denominador comum entre eles: todos valorizam o trabalho no corte da cana em que o ganho é pela produção. Quanto mais se corta mais se ganha. Assim, os trabalhadores migrantes chegam na região com a disposição de acionar toda sua força física, toda sua habilidade e resistência para alcançar bons níveis de produtividade. O que, sem dúvida, não apenas os qualifica diante dos gestores e empresários, quanto os justifica diante dos familiares que ficam.

A produtividade é um desafio diário. O corte da cana é um trabalho solitário. O ganho é determinado pela metragem, pelo peso e pelo tipo da cana cortada. É um cálculo complexo, difícil de ser entendido pelos trabalhadores que estão habituados à lógica econômica do roçado e do trabalho na terra. Na cana tudo é diferente. No ar sempre paira a suspeita de roubo nas medições, porém a reclamação pode implicar advertências, “ganchos” e demissões. Diante desse risco se calam. No corte os movimentos requerem destreza e habilidade, os riscos de acidentes são grandes. O padrão mínimo de produtividade das usinas para cada trabalhador é de 10 toneladas de cana por dia. Para cumprir essa meta, o corpo precisa de resistência física, daí a necessidade de trabalhadores jovens nos canaviais.

O ritmo de trabalho é alucinante, os trabalhadores ficam no limite da sua capacidade física. Os problemas de saúde e acidentes pelo excesso de trabalho se agravam.<sup>3</sup> Com os movimentos repetitivos, as mãos incham, as tendinites aparecem e as bursites incomodam. As dores no corpo são insuportáveis, mas, com elas ou sem elas, é preciso fazer a produção, caso contrário vem a “poda”, a demissão. Sobre câibras e dores, ver Novaes (2007).

<sup>3</sup> A pesquisa conclui que o trabalho é exaustivo. O monitoramento de cortadores de cana revela que o ambiente e a produção elevam o cansaço físico: “Em 10 minutos o trabalhador derruba 400 quilos de cana, desferir 131 golpes de podão, faz 138 flexões de coluna, num ciclo médio de 5,6 segundos em cada ação. O trabalho é feito em temperaturas acima de 27° C, com muita fuligem no ar, e ao final do dia terá ingerido mais de 7,8 litros de água, em média, desferido 3.792 golpes de podão e feito 3.994 flexões com rotação da coluna. A carga cardiovascular é alta, acima de 40%, e em momentos de pico os batimentos cardíacos chegam a 200 por minuto”. Estes são alguns dados de um estudo científico feito durante dois anos com um grupo de trabalhadores no corte de cana da região de Piracicaba pelos pesquisadores Rodolfo Vilela, do Centro de Referência de Saúde do Trabalhador (Cerest), e Erivelton Fontana de Laat, da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e apresentados no seminário “Condições de Trabalho no Plantio e Corte de Cana”, realizado dias 24 e 25 de abril de 2008, no auditório da Procuradoria Regional do Trabalho da 15ª Região. Segundo os pesquisadores, o estudo é um aprimoramento de uma proposta de ações interinstitucionais para diagnóstico de acidentes. “Existem cerca de 30 fatores causais para um acidente de trabalho. O setor canavieiro tem alto índice de acidentes e até mortes por desgaste no trabalho do corte manual de cana. O trabalho não pode ser fonte de doenças e mortes”, justifica Rodolfo Vilela.

## PERCEÇÕES, VIVÊNCIAS E DEMANDAS ENTRE JOVENS CANAVIEIROS

Se alguém pedisse para que um jovem canavieiro completasse a seguinte frase: “Você não teria vindo para São Paulo, se...”, uma resposta recorrente seria: “Se lá onde eu moro tivesse trabalho e como viver bem, eu não vinha”. Porém, após essa resposta-padrão, é comum os jovens ressaltarem os pontos positivos da vida. Entre estes estão os bens (de consumo e duráveis) que conseguiram com o trabalho no corte da cana.

Sem dúvida, a decisão de vir cortar cana em São Paulo está relacionada a determinados sonhos de consumo. Nesse contexto, destacam-se itens ligados à aparência jovem urbana: óculos escuros, roupas novas – semelhantes àquelas das propagandas de televisão –, colares, brincos, tatuagens, *piercing*, cabelos descoloridos. Um jovem contou que migrou pela primeira vez em busca de aventura, influenciado pelos jovens que chegavam do corte da cana de São Paulo. Ou seja, sair dos seus lugares de origem para trabalhar também tem a ver com o desejo de experimentar, de se emancipar.

Por outro lado, a possibilidade de adquirir bens almejados neutraliza a posição subordinada de “ser jovem” no âmbito familiar. Quando voltam com dinheiro, no comércio de suas cidades compram eletrodomésticos, como fogão, geladeira, máquina de lavar, material de construção para erguer a casa de alvenaria para a família. Muitas vezes, jovens irmãos se cotizam para presentear as mães com esses bens.

Esses dois aspectos parecem compensar o trabalho pesado, os gastos com moradia e alimentação e os olhares preconceituosos dirigidos aos “maranhenses”, aos “paraibas”, quando circulam pelas cidades ricas do interior de São Paulo. Assim, ao discutir as alternativas de inserção produtiva desses jovens, é necessário considerar as diferenças de motivações e de percursos entre eles mesmos.

No período de entressafra da cana, o tempo e a disciplina a que estão sujeitos no trabalho do roçado permitem maior tempo livre para diversão. Para muitos, este também é um tempo de repor as energias para uma nova viagem rumo ao extenuante trabalho nos canaviais.

No que diz respeito ao diálogo entre essas experiências recém-descritas e a formulação de demandas, podemos dizer que esses jovens não chegam a formular reivindicações em termos de acesso ao esporte e ao lazer. A hipótese mais óbvia é que as restrições no campo da educação e da inserção produtiva na vida deles são tão evidentes, que acabam por silenciar demandas consideradas menos prementes.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do restrito campo de possibilidades que sua condição social lhes impõe, esses jovens trabalhadores buscam tirar todas as vantagens possíveis da idade, do vigor da força física e de alguma escolaridade atingida. Do seu ponto de vista, são muitas as dificuldades para enfrentar o presente e realizar seus projetos futuros. A enxada e o facão, a alternância entre o trabalho no roçado e o trabalho na cana, têm-lhes permitido comprar itens de consumo e bens duráveis, mas esses mesmos instrumentos os distanciam do manuseio do lápis, da escrita e da leitura. Sem os estudos, eles veem crescer as dificuldades para o futuro. Não por acaso, todos desejam voltar a estudar. Mas esse objetivo precisa se adequar às exigências da enxada e do facão. Após vivenciarem um certo nível de emancipação diante das famílias, conciliar trabalho e estudo é o que desejam.

Na verdade, esses jovens vivem vários sentimentos contraditórios: sair do corte da cana é um desejo de todos, mas o trabalho na cana tem sido visto como a salvação de todos, sem ele seria pior. Esse sentimento contraditório fica mais claro, quando surgem observações que anunciam o fim do corte manual da

cana, isto é, o fim de um nicho de mercado que absorve jovens com pouca escolaridade.

Do nosso ponto vista, não há condições nem interesse na completa mecanização. Mas isso não quer dizer que as formas de complementaridade entre o corte mecânico e o manual não se modifiquem no decorrer do tempo. Uma dessas modificações resultou nas exigências de produtividade e na meta de produção das usinas, na qual cada trabalhador deve atingir 10 toneladas de cana por dia. De certa forma, essa exigência já é consequência da presença das colheitadeiras de cana, que fazem parte e modificam a paisagem rural no interior de São Paulo. As máquinas desafiam, cada dia mais, os trabalhadores, exigindo-lhes continuamente maiores produtividades (SCOPINHO, 1999). O resultado disso tem sido o recrutamento, a seleção e a recontração em outra safra cada vez mais rigorosa. Nesse cenário, já são muitos os jovens migrantes que não conseguem cumprir as metas de produtividade e são descartados em plena safra. Já não é tão raro que saiam ônibus para levar de volta para suas cidades jovens descartados antes do término da safra. Assim, o mercado de trabalho para esses jovens se restringe e se especializa.

Diante desse cenário cabe a questão: Como responder as demandas desse segmento juvenil? Ouvindo esses jovens trabalhadores, parece que fica cada vez mais clara a necessidade de mudanças simultâneas e específicas nas diferentes regiões do país.

No Nordeste, é preciso reverter a situação desses jovens, que se tem agravado pelas dificuldades de acesso a terra e de sobreviver com os ganhos da pequena produção familiar. Para tanto, é preciso apoiar cada vez mais iniciativas juvenis criativas e empreendimentos que possam absorver os jovens. Os projetos de apoio à pequena produção familiar estão voltados para as famílias, nem sempre chegam a se constituir em perspectivas para essa juventude. É preciso que se ampliem e se diversifiquem as possibilidades de inserção produtiva, para que as migrações de

jovens passem a ser escolhas menos compulsórias. Se diminuirmos os fatores que caracterizam a disparidade regional, os jovens nordestinos se apresentarão nos canaviais paulistas em menor número e, por conseguinte, estarão menos vulneráveis e menos descartáveis.

Nos canaviais paulistas, trata-se de aprimorar os mecanismos de controle da metragem e do peso da cana cortada, de reduzir o padrão de produtividade imposto pelas usinas no corte manual, para retirar os trabalhadores de um ritmo alucinante de trabalho. Esse ritmo desafia os limites da capacidade física, tornando os jovens vulneráveis às doenças, aos acidentes e às mortes prematuras. Tais medidas poderiam evitar as cruéis consequências da paradoxal convivência entre situações de trabalho indigno e a retórica dos prêmios e da autoestima, e também poderiam evitar os acidentes, as doenças e as mortes por excesso de trabalho nos canaviais, mesmo com os direitos trabalhistas respeitados. Até quando o manuseio do facão e da enxada cercearão o uso da caneta e dos livros para esse segmento de jovens, trabalhadores, migrantes?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco José da Costa. *Modernização da agricultura e sindicalismo rural*. 1992. Tese (Doutorado) – Instituto Economia, Unicamp, Campinas.

BONETTI, Marcos. Aumento da produtividade do trabalho na cana. *Jornal Estado de São Paulo*, São Paulo, 1992, Suplemento Agrícola.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA. *Grito da terra*. Brasília, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE – CONJUVE. *Política nacional de juventude. Diretrizes e perspectivas*, 2006.

COSTA, Pedro. A migração e o trabalho escravo na lavoura de cana em São Paulo. *De Repente*. Teresina, PI. Fundação Nordestina de Cordel (FUNCOR). ano XII, n.50, abr./maio 2006.

MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes*. João Pessoa: Editora UFPB, 2002.

MENEZES, Marilda. As migrações sazonais no sertão paraibano. *MIGRANTES: Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

MORAES, Maria Dione. Andando pelo mundo... In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. J. da C. (Org.). *Migrantes*. São Carlos: EDUFSCar, 2007.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TERRA. *Pauta para a juventude*. São Paulo, 2006.

NONINO, Carlos Alberto. Bóia fria rende mais no canavial. *Jornal Estado de São Paulo*, 1.992, São Paulo, 12/1/1994, Suplemento Agrícola.

NOVAES, José Roberto Pereira. Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 59, p. 167-177, jan./abr. 2007.

NOVAES, José Roberto Pereira; ALVES, Francisco. *No eito da cana*. São Carlos: Rima, 2002.

PADRÃO, Luciano Nunes. *Processo de trabalho em tempo de reestruturação produtiva: estratégia de controle na agroindústria*. 1996. Dissertação (Mestrado) – UFRRJ, Rio de Janeiro.

SALES, Tereza. *Agrestes, agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCOPINHO, Rosemeire et al. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 147-161, jan./mar. 1999.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. As andorinhas nem cá, nem lá. Recursos visuais na pesquisa social. *Caderno Ceru*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 29-45, 1988.

\_\_\_\_\_. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Unesp, 1999.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. Trabalho e trabalhadores na região do mar de cana e rio de álcool. Encontro “Trabalhadores Canavieiros: Educação, Direito, Trabalho”. São Carlos, UFSCar, 2005.

---

JOSÉ ROBERTO PEREIRA NOVAES é professor do Instituto de Economia–UFRJ.